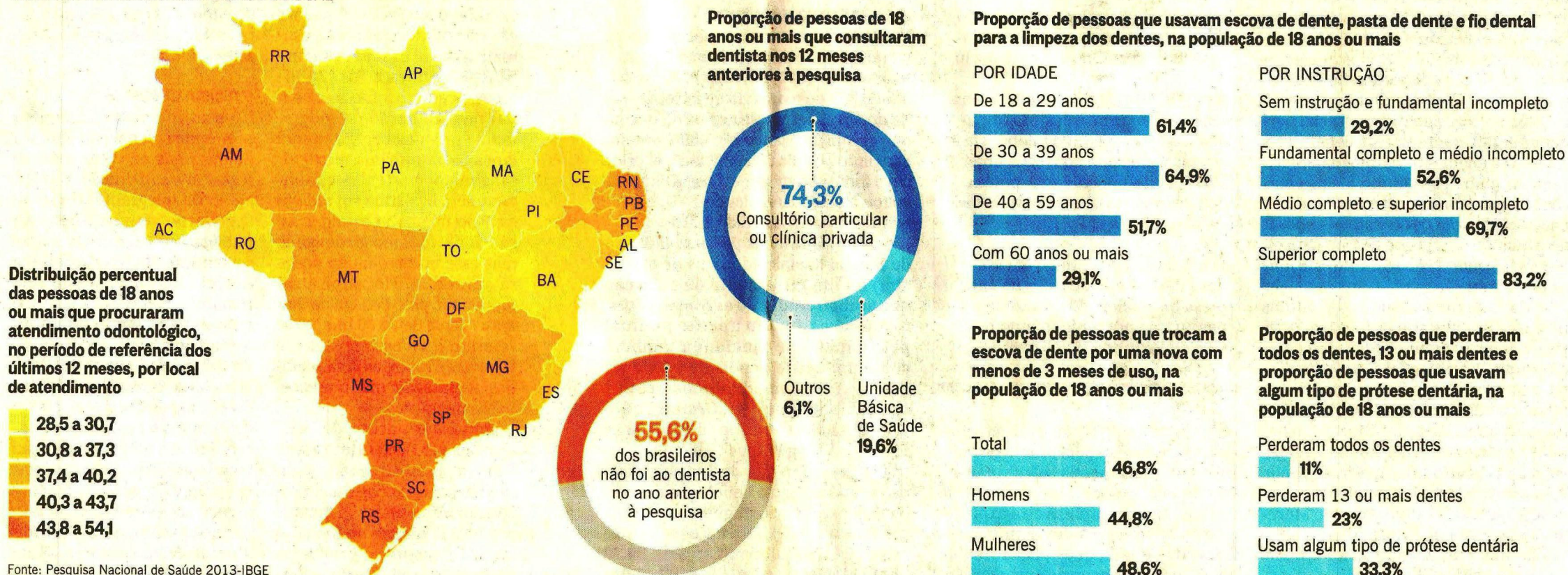


Sorriso amarelo

Pesquisa do IBGE mostra que brasileiro não cuida dos dentes: 11% perderam todos eles

BRASIL BANGUELA

CONFIRA OS DADOS SOBRE SAÚDE BUCAL



CAROL KNOPLOCH
carolk@sp.oglobo.com.br

“A saúde bucal é tratada apenas como uma questão de saúde, mas é mais grave do que isso. Quem não tem dente é excluído da sociedade. Não arruma trabalho, não beija na boca, não se casa e não faz selfie.” A frase é de Fábio Bibancos, especialista em odontopediatria e ortodontia, mestre em saúde coletiva. Ele faz referência ao fato de que 11% da população brasileira não têm nenhum dente, precisaram extrair todos. Isso corresponde ao montante de 16 milhões de pessoas, segundo Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), divulgada ontem pelo IBGE, que, em convênio com o Ministério da Saúde, visitou cerca de 80 mil domicílios em 1.600 municípios de todo o país no segundo semestre de 2013.

Outros números indicam o descaso com a saúde bucal: mais da metade dos entrevistados (55,6%) não tinha se consultado com um dentista no ano anterior à pesquisa. Apenas 53% disseram escovar os dentes ao menos duas vezes ao dia, incluindo o uso do fio dental. E 53,2% afirmaram que não trocam a escova com menos de três meses de uso. O estudo, no entanto, não abordou o universo de crianças e adolescentes (só maiores de 18 anos). Mas, segundo levantamento da Turma do Bem, projeto com 15 mil dentistas voluntários que atende crianças carentes no Brasil e alguns países do exterior, cerca de 30 milhões crianças nunca foram ao dentista.

— Trocar a escova? Não tenho dinheiro para isso! Vou ficando com a velha. Só fui ter uma escova de dentes quando cheguei aos 18 anos — conta Josefa de Moura Lopes, que hoje, aos 53 anos, tem apenas quatro dentes e usa próteses. — Meu marido não tem nenhum dente e também usa dentadura.

Josefa, natural de Vicência, em Pernambuco, diz que ela e seus 12 irmãos

não tinham escovas de dente. E que fazia a higiene bucal apenas com água.

— Quando ia no rio, esfregava areia nos dentes para limpar melhor. Pior são (sic) meus netos, que busquei em Pernambuco quando minha filha morreu. Todos com dentes pretos, e não sabiam o que era fio dental. Ficavam com vergonha de sair de casa. Eu tive muita dificuldade para conseguir atendimento para eles. Foi só na boa vontade de dentistas.

Geccilene, de 13 anos, é uma das netas que ela adotou — e também foi adotada pela Turma do Bem. A menina, segundo sua dentista, “tem cáries e mais cáries. Só sobrou a raiz. Terá de reconstituir as coroas e fazer canais”.

— Quem chega aqui já está comprometido. Nossa triagem prioriza os mais pobres e os que estão mais próximos do primeiro emprego — diz Bibancos.

Para ele, não é de espantar que 74,3% dos pesquisados pelo IBGE tenham procurado atendimento odontológico em clínicas privadas. As unidades básicas de saúde foram responsáveis por apenas 19,6% dos casos.

FALTA DE CONHECIMENTO ATRAPALHA

Dados do Conselho Federal de Odontologia (2014) mostram que 68% dos brasileiros não sabem que têm direito a tratamento odontológico público e 20% não vão ao dentista por falta de dinheiro.

— As pessoas não querem extrair os dentes, procedimento habitual onde o serviço público existe de forma descontinuada — critica Bibancos. — Assim como os postos de saúde distribuem camisinha e seringa, poderiam fazer o mesmo com escova, pasta e fio dental. Ou incluir na cesta básica. As pessoas não têm dinheiro para comprar esses itens, e cansei de ver famílias compartilhando a mesma escova — diz.

E o uso do fio dental é essencial para a correta limpeza.

— Assim como no banho é preciso la-

var embaixo do braço, é necessário fazer uso do fio dental — alerta Mário Groisman, membro da Academia Brasileira de Odontologia. — As pessoas precisam se consultar com dentistas como fazem com os cardiologistas. Deve ser algo preventivo — diz.

Ele afirma que a falta de saúde bucal pode levar a outros problemas. Pesquisadores descobriram que pessoas com doença periodontal têm mais risco de desenvolver doenças cardíacas, por exemplo.

— Já mulheres grávidas precisam ir ao dentista para evitar esses processos inflamatórios. Isso porque existe relação direta entre a doença periodontal e a falta de peso do bebê — explica Groisman.

Ao contrário da saúde bucal, o acesso ao serviço público de saúde teve alta procura, segundo a PNS: 47,9% dos pesquisados usavam a Unidade Básica de Saúde quando precisavam de atendimento. No geral, incluindo a unidade de pronto atendimento público ou emergência de hospital público, a demanda chegou a 71,1%. Cerca de 20,6% usavam consultório particular ou clínica privada.

Das 30,7 milhões de pessoas (15,3% da população) que informaram ter procurado algum atendimento de saúde nas duas semanas anteriores à data da pesquisa, 97% afirmaram que conseguiram atendimento (95,3% na primeira vez). Mas a pesquisa não apontou a qualidade do serviço:

— Outras pesquisas mostram alto grau de satisfação. Na internação, atendimento na rede básica e na emergência. Isso sem contar os serviços classicamente bem avaliados como o Samu e a Farmácia Popular. No Brasil se criou uma imagem negativa quando, na verdade, isso não existe — disse o ministro da saúde, Arthur Chioro, que lembrou que a PNS foi feita antes do programa Mais Médicos — Temos problemas e precisamos enfrentá-los mas quem usa o SUS o avalia de forma positiva. E quem não usa fica com uma percepção de que o serviço não tem qualidade. ●